

Globethics Repository

The logo consists of the word "Globethics" in white, sans-serif font, centered within a solid blue rectangular background.

O conceito vira grife, e o pensador vira
proprietário de grife [The concept becomes
a brand, and the thinker becomes designer]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Batalha Viveiros de Castro, Eduardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-13 08:43:19
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162879

social dos mecanismos da produtividade e da inovação determina, a meu ver, um deslocamento do conceito de trabalho produtivo (como no de exploração, no sentido de Marx). Nesse quadro, as fronteiras tradicionais entre trabalho e tempo livre, entre produção e consumo, se esboroam. O tempo de trabalho imediato, consagrado diretamente a uma atividade de produção (durante o horário oficial de trabalho) constitui agora apenas uma fração do tempo efetivo de trabalho. O conceito de trabalho produtivo e sua remuneração deveriam, pois, estender-se ao conjunto dos tempos sociais e das atividades que participam na criação de valor e de riquezas. Nessa ótica, importa, a meu ver, refletir sobre a proposição de uma extensão do salário socializado, fundado sobre a constituição de um Retorno Social Garantido (RSG), independente do emprego assalariado e cumulativo com outras retribuições de atividades, bem como com as transferências saídas do atual sistema de seguros da proteção social. Do ponto de vista do próprio desenvolvimento de uma economia fundada sobre o conhecimento, este Retorno Social Garantido deveria ser considerado como sendo, ao mesmo

tempo, um investimento coletivo da sociedade no saber e uma remuneração primária para os indivíduos, isto é, um salário social saído diretamente da produção e, assim, não provindo da redistribuição e da assistência. A este respeito, o Retorno Garantido corresponderia à instituição de um novo direito, fundado ao mesmo tempo na cidadania e no trabalho (num sentido amplo que não se reduz ao conceito de emprego assalariado). Ele favoreceria a elevação do nível de formação da mão-de-obra e a criação de formas de cooperação não-mercantis, impelindo “para o alto” a escala das remunerações por atividade e o poder de negociação dos assalariados com o mercado de trabalho.

“O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife”

Por Eduardo Batalha Viveiros de Castro



Eduardo Batalha Viveiros de Castro, professor do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concedeu a entrevista que segue à revista *IHU On-Line* desta semana. Ele afirma que é radicalmente contra a idéia de propriedade intelectual. “Acho que a noção de direito é um objeto não-evidente do ponto de vista antropológico e que a expressão das relações sociais em termos de ‘direitos’ é uma invenção ocidental muito curiosa e muito perigosa”. Viveiros de Castro é graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio, mestre e doutor em Antropologia Social pela UFRJ, com a tese Arawete: uma visão da cosmologia e da pessoa tupi-guarani. Coursou pós-doutorado na Université

Paris X Paris-Nanterre (França). Escreveu inúmeras obras, entre elas *A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia)*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, *Arawete: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ANPOCS, 1986 e *Antropologia do Parentesco: Estudos Ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995, estes dois últimos por ele organizados. Viveiros de Castro atua, igualmente, como consultor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a FAPESP. O professor é autor do projeto de um livro que já acumulava 600 páginas escritas por ele e se transformou num texto coletivo abrigado numa página da internet. Quem acessa o endereço amazone.wikicitities.com/wiki/Projeto_AmaZone pode ler e, se quiser, modificar o texto livremente para, por sua vez, ter sua própria modificação também modificada, aceita ou rejeitada. O livro de autoria individual se chamaria *A Onça e a Diferença*.

IHU On-Line - Após escrever mais de 600 páginas, o senhor decidiu que a melhor maneira de dar continuidade ao seu pensamento seria colocá-lo à disposição de outras contribuições, que modificassem seu texto e construíssem uma obra coletiva, permitindo o acesso e a intervenção de quem quiser nos trechos levados à rede. Como surgiu essa idéia e o que a motivou?

Eduardo Viveiros de Castro - A idéia surgiu por uma certa insatisfação minha com a dinâmica da produção intelectual escrita. Primeiro, insatisfação com o tempo que leva entre a redação de um texto e sua publicação: na melhor (menor) das hipóteses, um ano. Àquela altura, já estamos pensando em outra coisa, e as reações dos leitores, que também demoram a chegar, terminam criando uma defasagem semelhante à que vigora em astronomia, em que a luz daquela estrela que vemos agora foi emitida há milhões de anos, por exemplo. Segundo, insatisfação com a falta de ferramentas para trabalhar a intertextualidade intrínseca do texto acadêmico; o recurso básico que usamos para suscitar/conjurar a presença da palavra alheia no interior de um discurso são as aspas das citações. Invenção genial (e radical), diga-se de passagem; mas é preciso ir adiante e inventar outros recursos, criando articulações mais flexíveis. Talvez seja necessário explorar, muito mais intensivamente do que já vem sendo feito, o discurso indireto livre (no

sentido conceitual mais que meramente estilístico), por exemplo. Terceiro, insatisfação com a associação excessiva, em todos os sentidos da palavra, entre um nome de autor e textos, situação que tende a favorecer um manejo identitário dos conceitos, virados emblemas de personalidades antes que multiplicidades ativas. O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife.

IHU On-Line - O senhor afirma que esse modelo de colaboração reflete melhor a criação acadêmica. Pode explicar melhor como a produção intelectual pode estar associada a esse tipo de trabalho imaterial coletivo?

Eduardo Viveiros de Castro - A produção intelectual, em particular a acadêmica, é, por definição, coletiva. Cada pessoa pensa sozinha, sem dúvida — ou pelo menos deveria — mas sozinha em rede, como um nó só de uma singularidade enlaçada em uma rede cuja malha se espalha em diversas direções e se dobra em múltiplas dimensões (de tempo, de espaço). O modelo de colaboração que estamos experimentando procura desempacotar, explicar ou desdobrar a rede, de modo a tornar mais visíveis e manejáveis os laços entre os textos, os conceitos, os movimentos. A idéia é produzir uma intertextualidade mais sintagmática, ou horizontal, no lugar da intertextualidade usual, antes paradigmática e vertical, do texto autorado e publicado, em que o nome do

autor vem no começo, a bibliografia no fim, e as aspas encerram os outros, não o eu. "Autor" é o que escreve sem aspas, presença pura a si; "bibliografia" é o que está presente entre aspas, mediatizado. O que estamos buscando é uma espécie de hipertexto (não apenas no sentido usual do termo), no qual essa organização seja colocada para derivar e variar. Um princípio construtivo desse hipertexto é o princípio hermenêutico clássico de que todos os escritores que tratam do mesmo objeto são o mesmo escritor.

IHU On-Line - Qual o perfil das pessoas que interferem no "texto-piloto" e que tipo de colaboração é mais comum? Como tem sido o aproveitamento das interferências?

Eduardo Viveiros de Castro – Por ora, a maioria esmagadora das pessoas que interfere são aquelas que conhecemos pessoalmente. Gente que já estava no bonde antes de ele começar a andar e que compartilha o interesse pelos temas, o conhecimento do contexto, o horizonte de referências. Entretanto, de vez em quando, passa um cometa. E de qualquer modo o interessante é ver a interdigitação de várias vozes em um mesmo plano eletrônico-palimpséstico. Por mais que as vozes já se tenham ouvido umas às outras, o novo ambiente de produção sugere inflexões inéditas, e encontros inesperados. Quanto ao aproveitamento, por ora quase tudo é incorporado. Ainda está muito cedo para saber o que ficará e o que será descartado. De qualquer modo, é importante *se notar* que nosso *wiki* não é um projeto popular, que interessa a um número enorme de pessoas. Tampouco é apresentado de maneira a atrair colaborações aleatórias dos transeuntes. Primeiro, está escrito principalmente em português; segundo, é bastante técnico; terceiro, não é um lugar onde se trocam opiniões ou se "debatem" pontos de vista sobre questões candentes da *doxa* contemporânea.

IHU On-Line - De que forma o senhor vê que o resultado final do livro vai refletir o seu próprio regime de produção?

Eduardo Viveiros de Castro – Não sei ainda se isso que está no *wiki* vai se transformar em um livro no sentido usual do termo. Se o for, de qualquer forma, será um livro "assinado" por um actante chamado AmaZone. Ele precisará envolver novas soluções gráficas. De qualquer modo, queremos ver se criamos algo realmente inovador, um outro gênero antropológico, nem monografia, nem tratado, nem enciclopédia, algo onde a conceitualidade indígena possa repensar realmente a conceitualidade antropológica.

IHU On-Line - Como é o relacionamento virtual dos co-autores?

Eduardo Viveiros de Castro – Como eu disse, os co-autores se conhecem pessoalmente, em sua imensa maioria, não tão imensa assim, pois até agora somos poucos, uma vintena no máximo. Há grande respeito mútuo; talvez até demais (por ora), no que concerne ao modo como se interfere nos textos já publicados (no *wiki*). Em geral, as pessoas apensam parágrafos aos parágrafos já escritos, hesitando muito em interferir na trama do que já foi tecido, mas creio que é preciso avançar por ali, até um certo ponto, pois o objetivo não é nunca o de chegarmos a um texto consensual, uma redação média que agrade a todos ou que desagrade o mínimo a todos. É fundamental preservar marcas de heterogeneidade, que não precisam ser, aliás, simplesmente as assinaturas dos diferentes redatores. Há outras formas de heterogeneizar.

IHU On-Line - O senhor é o administrador? Qual o seu papel? Qual o respeito com o texto original que há? E como é feita a edição das interferências?

Eduardo Viveiros de Castro – Sou o "fundador" do *wiki*, isto é, seu administrador e moderador. Só eu posso suprimir uma página, por exemplo, isto é, fazê-la desaparecer da memória do *wiki*, se julgar que ela é inadequada aos seus propósitos, ou ofensiva, agressiva etc. Só

eu posso carregar imagens, documentos etc. Tudo isso é provisório. Minha idéia é ampliar o consórcio de administradores para uns três ou quatro. Contudo, agora, como é próprio de um *wiki*, todo mundo pode editar todos os textos, modificá-los, cortar pedaços, pendurar páginas novas... As grandes mexidas editoriais, de caráter organizacional, ainda sou eu quem está fazendo, praticamente, sozinho.

IHU On-Line - Segundo Hardt e Negri, o "trabalho imaterial" dos trabalhadores do conhecimento difere do trabalho na era industrial, porque não produz objetos, mas relações sociais. É inerentemente comunitário, o que implica que ninguém pode legitimamente se apropriar dele para objetivos particulares. O senhor afirma que, em seu trabalho, em algum momento indefinível, a obra terá um autor múltiplo. Como fica aí a questão dos direitos autorais?

Eduardo Viveiros de Castro - Não pensei muito nos aspectos jurídicos do *wiki*. Estamos subscrevendo automaticamente, ao sermos abrigados no *site wikicities*, o regime do *Creative Commons*, iniciativa pela qual tenho, em princípio, a maior simpatia. Sublinho, porém, que sou, mais que em princípio, por princípio, radicalmente contra a idéia de propriedade intelectual. Acho que a noção de direito é um objeto não-evidente do ponto de vista antropológico e que a expressão das relações sociais em termos de "direitos" é uma invenção

ocidental muito curiosa e muito perigosa, uma vez que o único direito originário é o direito de propriedade — "direito de propriedade" me parece um pleonismo. A obra *wiki*, cujo título é homônimo de seu autor (AmaZone é o autor de "AmaZone"), é, como vocês dizem, a obra feita por *um* autor *múltiplo*, e *não* por "múltiplos autores". O autor é uma multiplicidade relacional. Não estamos interessados em direitos, mas em relações.

IHU On-Line - E qual sua opinião sobre a confiabilidade das informações em ambientes virtuais, em que não se sabe ao certo quem elaborou o conteúdo, já que essa é a principal crítica de quem não apóia esse sistema?

Eduardo Viveiros de Castro - Não confie em nada. Nem no que está na Wikipédia, nem alhures. Não confie — confira.

IHU On-Line - Quais as características fundamentais que o trabalhador desse novo sistema deve ter?

Eduardo Viveiros de Castro - Gostar mais da antropologia do que de "ser antropólogo", para usar o exemplo de minha própria profissão: estar mais interessado no mundo do que em si mesmo, ou dito de outra forma, estar mais preocupado com o que faz do que com a própria carreira. Achar que o texto faz o autor e não, vice-versa.